



ADAPTAÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS: reflexões a partir da educação musical inclusiva para pessoas com TEA

Adriana Martins dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

adriana.martinssantos@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho é um recorte da minha monografia e tem como objetivo apresentar um relato de experiência de ensino de música para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) do Projeto Som Azul da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Essa experiência suscitou algumas reflexões relacionadas à importância da adaptação de recursos pedagógicos para a promoção de um ensino inclusivo, alguns dos quais serão apresentados no presente artigo.

PALAVRAS-CHAVE

educação musical inclusiva; autismo; adaptação de recursos pedagógicos.

Como citar este artigo?

SANTOS, Adriana Martins dos. Adaptação de recursos pedagógicos: reflexões a partir da educação musical inclusiva para pessoas com TEA. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 10., 2023, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2023. Tema: Abordagens para um pensamento inclusivo: acessibilidade com equidade na prática musical. p. 56-67. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de apresentar, por meio de um relato de experiência, alguns aspectos do ensino de música para pessoas com o Transtorno do Espectro Autista – TEA no projeto de extensão “Som Azul” da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Essa experiência ocorreu no período de 2019 a 2022, a partir da qual serão abordadas algumas estratégias e materiais pedagógicos adaptados utilizados de modo a respeitar a singularidade de cada aluno que dele participava.

A importância do desenvolvimento deste trabalho se dá pelo fato de que ainda são raros estudos que apresentam as experiências vivenciadas no contexto do ensino inclusivo e/ou específico para pessoas com TEA. Além disso, ainda são poucos os profissionais que possuem formação para atuar nessa área e atender a uma demanda crescente revelada pelo Censo Escolar de 2021 (INEP, 2021). De acordo com o referido censo, em 2017 foram contabilizadas 77.102 matrículas de alunos com TEA nas escolas, e em 2021 a quantidade passou para 294.394, o que representa um aumento de 280%.

Inclusive, a falta de profissionais capacitados foi uma das inquietações de Barbosa (2013) que a levou a desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso na área da educação musical de pessoas com autismo:

A dificuldade em encontrar profissionais da música voltados para a área de educação musical especial, especificamente no trabalho com pessoas autistas, a necessidade e o interesse particular nessa área, fez com que se desenvolvesse esse trabalho. (2013, p. 22)

Dessa forma, a presente pesquisa também ressalta a importância da existência de projetos para atuação prática de alunos em seu processo de formação no Curso de Licenciatura em Música. Acreditamos que a experiência prática é enriquecedora para a vida do monitor aprendiz, pois permite uma maior compreensão de como se dá o processo específico da educação musical especial/inclusiva. Tal argumento tem respaldo nos estudos de Babosa (2013) e Silva (2017), pois ambas reforçam sobre a importância da criação de projetos que, além de oportunizar às pessoas com TEA o aprendizado sistemático da música, proporciona aos alunos dos cursos de Licenciatura em Música da UFRN um campo de estágio para o desenvolvimento de sua prática docente nessa área. E, desse

modo, permite que o professor adquira maior qualificação no desenvolvimento de práticas metodológicas e estratégicas de ensino com mais segurança.

É nesse sentido que também destacamos a importância do Setor de Musicografia Braille e apoio à Inclusão – SEMBRAIN da Escola de Música da UFRN, para o desenvolvimento de ações que tem contribuído para essa formação.

O SEMBRAIN, é o setor da EMUFRN responsável pelo desenvolvimento de ações de extensão articuladas ao ensino e à pesquisa, apoio aos estudantes com deficiência atendidos pela Escola, na capacitação de profissionais e estudantes, e no suporte em adaptação de materiais didáticos para formato acessível de acordo com a demanda de seus estudantes e professores. E, conforme Fonseca (2022, p. 111), as ações desenvolvidas pela equipe desse setor se fundamentam “[...] nos três pilares que formam o tripé da atuação universitária, desenvolvendo e contribuindo com o Ensino, a Pesquisa e a Extensão Universitária.”

Nessas ações, ocorre um processo rico de ensino aprendizagem no qual destacamos: 1) o desenvolvimento de uma prática individual e reflexiva do monitor aprendiz a partir de sua atuação no projeto; 2) também o desenvolvimento de uma prática coletiva e colaborativa entre os membros da equipe; 3) o desenvolvimento musical dos alunos com autismo e do fazer pedagógico dos monitores/ministrantes.

Dessa forma, apresentarei nesse trabalho, parte do processo que vivenciei como monitora do Projeto Som Azul, especialmente no que diz respeito a alguns recursos metodológicos adaptados e utilizados no ensino de música para pessoas com TEA participantes do referido projeto.

2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Todo material e/ou atividade elaborada no projeto Som Azul são pensados de forma que os conteúdos devam ser o mais claro e objetivo possível, evitando o excesso de informação e dando ênfase ao campo visual. E, conforme Louro indica,

Diante da deficiência cognitiva é imperativo que sejamos claros e objetivos com o que propomos, utilizando frases simples e exemplos do dia-dia. Também será apreciável o uso de recursos concretos e/ou visuais (objetos, bonecos, figuras, desenhos e fotos) para exemplificações. Essas coisas auxiliam na compreensão por parte do aluno, porque na deficiência cognitiva é grande a dificuldade quanto à abstração, à generalização e à aquisição de conceitos. Assim, quanto mais variados e concretos os recursos, mais facilidade o aluno terá para assimilação de conteúdos e para

o acionamento dos mecanismos compensatórios do raciocínio. (LOURO, 2012, p. 135).

A utilização desses recursos concretos nas atividades do projeto é baseada nas especificidades dos alunos com TEA, devendo ser considerada para atender à pluralidade dentro da sala de aula. Isto é, para que de fato haja a inclusão e o aluno possa construir conhecimento. Pois, o TEA é um transtorno pertencente a um espectro e dentro desse universo cada pessoa com o transtorno possui suas próprias características específicas, o tornando-a única. (ORRÚ, 2019; O QUE É AUTISMO, 2020 et al).

A título de exemplo, é possível que o professor de música possa chegar em uma sala de aula do ensino regular e, nessa sala estejam, entre os neurotípicos, dois ou mais alunos com TEA que não verbalizam. Este é um perfil encontrado no projeto Som Azul, onde alguns não verbalizam. É uma característica importante para considerar no momento da adaptação das atividades. Isto é, são esses desafios do dia a dia do ensino que permite ampliar o nosso olhar e pensar de forma inclusiva sobre o ensino de música para pessoas com TEA.

O ensino de música no projeto Som Azul, acontece em duas turmas coletivas, sendo uma infantil e a outra, de jovens adultos. Essa forma de ensino, estimula e permite que haja a socialização entre eles. Conforme Barbosa (2013), essa forma de trabalhar já era uma prática desenvolvida no projeto desde que foi criado.

Sabemos que alguns autistas irão apresentar uma maior ou menor dificuldade na interação social. Logo esse perfil de ensino do projeto, acaba auxiliando os alunos no seu desenvolvimento social, pois, conforme ressaltam Asnis e Elias (2019), grande parte do nosso desenvolvimento comportamental se dá por meio do contato físico e social. Tal afirmativa encontra respaldo em Orrú (2019, p. 58) quando coloca que

É no ambiente onde as relações sociais são privilegiadas que o aprendiz com autismo, junto aos seus demais colegas, poderá desenvolver distintas possibilidades de aprender. Tão claro, a ênfase maior jamais deve estar nos sintomas do autismo, naquilo que falta, no que está deficitário neste aprendiz, mas sim no potencial, nas habilidades identificadas a partir do conhecimento diário deste aprendiz, na vivência e na relação professor/aprendiz, aprendiz/aprendiz, que podem ser desenvolvidas oportunidades a existência concreta do sujeito que aprende. (2019, p. 58)

A autora não só corrobora, mas também externa que não devemos dar ênfase aos sintomas do autismo ou naquilo que falta, mas sim em suas potencialidades que poderão ser identificadas a partir da vivência do dia a dia da sala de aula.

Outra característica a ser destacada no processo de ensino para pessoas com deficiência em contexto de educação especial ou inclusivo, é o estímulo e incentivo ao professor aprendiz a desenvolver a sua prática metodológica e reflexiva. Silva (2017) coloca que

Diante das situações cotidianas, os profissionais observam e refletem, criam, recriam, e constroem novas soluções, caminhos preparando o campo para a próxima, o que se dá por um processo de reflexão na ação (transformação do conhecimento prático em ação) (2017, p. 22).

De fato, para as adaptações acontecerem, foi necessário que eu vivenciasse esse processo de imersão na minha própria prática, da ação reflexiva. Momentos do qual, fazia reflexões a partir da minha prática, da prática da equipe, e de como poderia fazer a própria adaptação pensando nas potencialidades dos alunos de uma forma inclusiva.

O pensar sobre a nossa própria ação, nos ensina a avaliar a nossa própria prática, mesmo que esse ato analítico se faça sobre algo ou alguma atividade que não deu certo.

A construção da experiência a partir da reflexão da sua própria prática, e em conjunto, a troca de experiências coletiva entre a equipe, contribuem para que o monitor adentre no projeto, mesmo com pouco conhecimentos sobre as especificidades do ensino voltado para pessoas com TEA.

De acordo com Silva (2017),

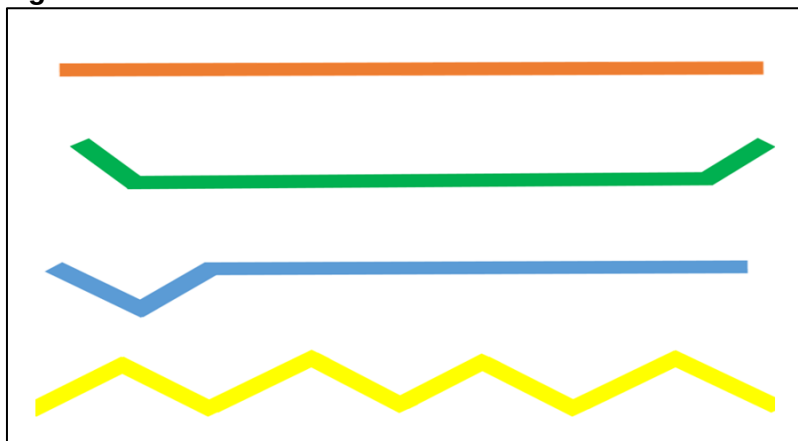
[...] perceber que a interação professor-professor no projeto Som Azul contribuiu de forma significativa para a formação dos professores envolvidos, através da troca de experiências que existia entre as pessoas com diferentes níveis de formação profissional. (SILVA, 2017, p. 45)

Isto é, mesmo sendo iniciante no projeto, a prática coletiva existente na equipe contribui para que o monitor iniciante aprenda a partir da observação da ação pedagógica dos monitores mais veteranos.

Foi a partir das observações, diálogos e distribuição de tarefas entre a equipe que passei a desenvolver atividades e recursos para aplicar nas aulas. Dessa forma, apresentarei a seguir três dessas atividades desenvolvidas e utilizadas no projeto Som Azul enquanto monitora. Todos os recursos de adaptação foram desenvolvidos especificamente no período remoto, da pandemia da covid-19. Período do qual, fomos compelidos a nos adaptar a uma nova modalidade de ensino.

Na atividade da imagem da figura 1, o conteúdo musical desenvolvido em aula foi o parâmetro do som, altura. A ideia aqui era fazer com que os alunos por meio da escuta ativa, percebessem os movimentos sonoros.

Figura 1 – Movimentos sonoros



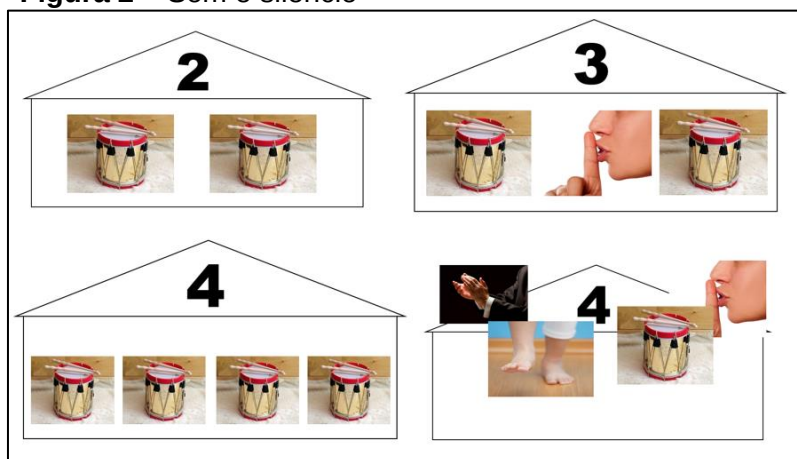
Fonte: Autor

[Descrição da imagem] Imagem com quatro linhas horizontais. De cima para baixo, a primeira linha é reta e laranja, a segunda é verde, com um princípio de ziguezague nas pontas, a terceira é azul, com um ziguezague apenas no início da linha, a quarta é amarela e totalmente em ziguezague. [Fim da descrição]

Os movimentos sonoros, como sugeria cada linha, eram executados com o auxílio de um instrumento de sopro, uma flauta de êmbolo de PVC, confeccionada por mim. Considerando o perfil dos alunos que, conforme já mencionado, alguns não verbalizavam, essa atividade foi pensada como uma maneira alternativa no que diz respeito à participação e resposta dos alunos. Ou seja, foi utilizado um cartão resposta (folha dobrada em quatro partes) em que os próprios alunos pintavam os movimentos sonoros.

Na atividade da imagem da figura 2, os conteúdos musicais trabalhados nessa atividade foram: compassos (binário, ternário e quaternário), representados pelas casas, além do som e silêncio. De acordo com cada casa, o aluno precisaria tocar conforme a quantidade de elementos existentes. Isto é, onde houvesse dois tambores, como mostra no exemplo da atividade, ele precisaria tocar o seu tambor duas vezes dentro de uma pulsação determinada pelo professor.

Figura 2 – Som e silêncio



Fonte: Autor

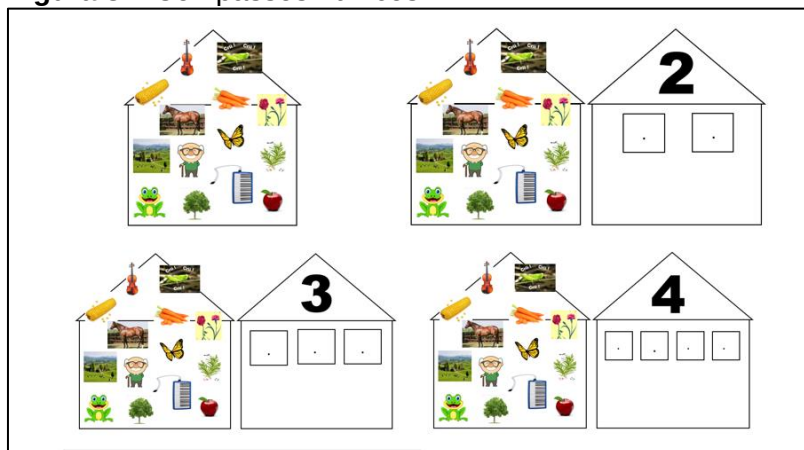
[Descrição da imagem] Imagem com quatro figuras de casas. A primeira casa possui o número dois e a imagem de dois tambores. A segunda casa possui o número três, a imagem de um tambor, uma pessoa pedindo silêncio e outro tambor. A terceira casa possui o número quatro e quatro imagens de tambores. A quarta casa possui o número quatro, a imagem de uma pessoa batendo palmas, uma pessoa batendo os pés no chão, um tambor e uma pessoa pedindo silêncio. [Fim da descrição]

Entre outros exemplos, a quantidade de vezes iria variar de acordo com as casas (compasso). Na casa três, aparece um novo elemento, o momento de silêncio. E por fim, a casa quatro, que além de sugerir que o aluno exercite o conhecimento que ele acabou de aprender, também será o momento em que ele irá desenvolver a sua criatividade, criando sua própria sequência.

Asnis e Elias (2019) ressalta a importância de se ter atividades musicais com estratégias que tenham relação com a criatividade, ou seja, que durante as aulas de música, o professor traga propostas de atividades que incentive o aluno a desenvolver a sua criatividade.

Na atividade da imagem da figura 3, o conteúdo musical desenvolvido em aula, foram, compassos e ritmo. Por meio das casas, que representam os compassos e a divisão silábica das palavras representando os ritmos. Nessa atividade, o aluno precisaria encontrar a casa de cada palavra representada pelas imagens ilustrativas.

Figura 3 – Compassos rítmicos



Fonte: Autor

[Descrição da imagem] Imagem com sete figuras de casas. A primeira casa possui várias imagens, como um sapo, árvore, maçã, violino e borboleta (essas imagens estão presentes na segunda, quarta e sexta casa). A segunda e a terceira casa estão próximas, a terceira possui o número 2 e dois quadrados. A quarta e quinta casa estão próximas, a quinta casa possui o número 3 e três quadrados. A sexta e sétima casa estão próximas, sétima possui o número 4 e quatro quadrados. [Fim da descrição]

Um exemplo, o “sapo” pertence a casa 2, e logo descobrindo isso, aluno precisaria falar a palavras “sapo” batendo com as palmas de suas mãos de acordo com a sua divisão silábica das palavras.

Essas foram algumas das adaptações que foram desenvolvidas e realizadas no projeto Som Azul. Ressalto que, essas ideias não são apresentadas como garantias absolutas de êxito em aula. Mas, como uma ideia norteadora para a prática reflexiva no ensino inclusivo para pessoas com deficiências em respeito à sua singularidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar no projeto, não sabia nada sobre o TEA, mas esse fato não me impediu de atuar e realizar a minha iniciação à docência nessa ação. Conforme Silva (2019, p. 26), “[...] prática e teoria são elementos interligados, interdependentes. Assim, a teoria é uma fase necessária da práxis.”

Isso justifica o meu processo de iniciação à docência no projeto Som Azul, que ocorreu inicialmente por meio da prática. Mas, foi ao longo desse processo prático enriquecedor e reflexivo, que eu fui desenvolvendo a minha docência, que aos poucos foi se apoiando na teoria.

A partir dessa experiência, compreendi que são os alunos que ditam o seu próprio ritmo do processo de ensino-aprendizagem, não o professor. Freire (2015) coloca que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim, criar as possibilidades para esse conhecimento acontecer. É por meio desse processo, que eles nos ensinam conforme o seu tempo de aprender, porque quem ensina logo aprende ao ensinar e quem aprende logo ensina ao aprender (FREIRE, 2015).

A experiência que construí no Projeto Som Azul ao mesmo tempo que cursava a Licenciatura em Música na UFRN, foram muito relevantes para o meu desenvolvimento acadêmico. Sem dúvida, se tornou uma vivência enriquecedora e norteadora tendo em vista que essa experiência me deu um melhor preparo no que se refere a educação voltada para pessoas com deficiência sobretudo quando pensamos no autismo.

Essa mesma percepção tem sido expressa por outros monitores que passam pelo projeto Som azul, que tiveram a oportunidade de adquirir experiência no ensino de músicas para pessoas com TEA. Segundo Silva (2017),

O projeto, portanto, se configura como um importante laboratório de ensino para os estudantes de Licenciatura em Música que, com esse conhecimento sobre o universo da pessoa com autismo e a sua relação com a música, procuram preencher a lacuna existente na grade curricular do referido curso. Dessa forma, podem encontrar nele uma possibilidade de melhor preparo na área e, assim, se tornarem educadores musicais mais capazes de envolver um aluno com deficiência nas suas aulas. (2017, p. 45)

Um outro fator perceptível, é o número crescente de crianças com autismo no ensino regular atualmente. De fato, quando passei um ano como estagiária no ensino regular infantil na região metropolitana de Natal, tive essa mesma percepção. E essa mesma percepção foi externada por Silva (2019), quando colocou que: “[...] juntando com as minhas experiências atuando mais diretamente em sala de aula na Educação Básica enquanto estagiário e professor monitor, vi o quanto era presente o aumento de alunos (as) com deficiência nas escolas de Educação Básica. (2019, p. 17)”

Ou seja, o ensino para pessoas com deficiência na escola regular, é uma realidade, do qual, todos os professores precisam se preparar. E o Setor de Musicografia Braille e apoio à Inclusão – SEMBRAIN, setor do qual pertence o projeto Som Azul, promove esse fomento para os discentes dos cursos de graduação da Escola de Música da UFRN.

O pensar inclusivo possibilita criar subsídios para a construção de caminhos que possam levar a educação para todos. E esse caminho se faz através de ideias renovadoras, ideias existentes e adaptada à uma nova realidade de ensino.

Essas mudanças têm sido sentidas no ensino superior, através das mudanças principalmente na legislação promovendo mais respeito a diversidade e inclusão de pessoas com deficiência. Esse processo de transição também tem forçado as universidades a se adaptarem ao ensino inclusivo. A UFRN por exemplo, desde o ano de 2002 promove ações voltada para a educação de pessoas com necessidades específicas e o ensino inclusivo. Porém, “a inclusão de estudantes com deficiência física na UFRN acontece desde os anos noventa. (MELO *apud* FONSECA, 2022, p. 46)

Muitas ações foram promovidas ao longo dos anos pela UFRN, ações estas que levaram a universidade a lançar no ano de 2010 o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2010-2019, que traça metas para a universidade em geral no período de 2010 a 2019. Um dos diferenciais deste PDI é a inserção de um capítulo direcionado para o atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais na UFRN. Como meta, neste capítulo a universidade destaca que “eliminar toda e qualquer forma de barreira (seja ela pedagógica, ambiental, atitudinal, comunicacional, entre outras) tem sido uma ação permanente da instituição em prol da criação de uma cultura de respeito à diversidade” (PDI, 2010, p. 70 *apud* FONSECA, 2022, p. 50).

Atualmente na Escola de Música da UFRN – EMUFRN, tem 2 alunos com deficiência visual no Curso Técnico (um no de Canto Popular, e outro no curso de Violão Erudito); 4 (quatro) discentes com deficiência visual matriculados nos cursos de graduação, sendo 1 (um) no curso de Bacharelado em Canto, e 3 (três) no curso de Licenciatura em Música. E, embora não seja esse o foco do nosso trabalho, destacamos o fato de que alguns alunos com deficiência visual do Curso de Licenciatura também têm participado como monitores do Projeto Som Azul, aprendendo também a serem professores inclusivos.

Enfim, o professor precisa compreender o processo de aprendizagem de cada aluno a partir das suas potencialidades, ter paciência e perceber os eixos em que cada aluno vai se desenvolver melhor. Ou seja, o professor deve enxergar no aluno os seus pontos fortes e habilidades, e não focar em suas limitações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que esse trabalho possa inspirar outros educadores na área da educação musical inclusiva. Que outras pessoas, assim como eu, despertem a curiosidade e busquem mais conhecimento a respeito do ensino de música para pessoas com deficiência e outras necessidades educacionais específicas. Que essas experiências possam transmitir para o leitor um novo olhar de possibilidade e que possa criar e/ou desenvolver estratégias, atividades, materiais pedagógicos de apoio direcionadas para o ensino inclusivo.

É por meio da ação e reflexão da prática de ensino, que professor desenvolve a sua práxis de forma consciente. É um processo contínuo, fazendo com que o professor diante as suas inquietações, busque maneiras diferente de transmitir o conhecimento ao aluno, respeitando o seu tempo de aprender. Que de fato, o conhecimento chegue até esse aluno. Pois, desta forma, estamos contribuindo por uma sociedade mais justa e também com o direito de todos a educação.

REFERÊNCIAS

ASNIS, Valéria Peres; ELIAS, Nassim Chamel. **Ensino de música para pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo: Cortez, 2019.

BARBOSA, Luana Kalinka Cordeiro. **O Ensino de Música para Autistas**: reflexões a partir de uma experiência em Natal-RN. Natal, RN, 2013. 40 f. Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33691>. Acesso em 20 jan. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo Técnico**: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> Acesso 8 jun 2023.

FONSECA, Mauricio Eslabão da. **A inclusão no ensino superior em música**: um estudo com licenciandos com deficiência visual na EMUFRN. 2022. 139f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

FREIRE, Patrocínio Solon. **Pedagogia da práxis**: o conceito do humano e da educação no pensamento de Paulo Freire. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. p. 11-19. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3797/1/arquivo149_1.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Ed. Som, 2012.

O QUE É AUTISMO: saiba a definição do Transtorno do Espectro Autista. Revista Autismo, v. vi, n.8, p.08, mar./abr./maio 2020. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/revista/> Acesso em: 04 jun. 2023. ISSN: 2596-0539

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo**: Aprendizes por eixos de interesse em espaços não excludentes. 2 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019.

SILVA, Raiane Silmara Nascimento da. **Sinergia em Música**: a interação professor-professor no projeto Som Azul da EMUFRN. Natal, RN, 2017. 58 f. Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33740>. Acesso em 20 jan. 2023.

SILVA, Ítalo Soares da. **Práxis docente na educação musical inclusiva**: estudos no contexto escolar do estado do Rio Grande do Norte. 2019. 166f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.